

A política como (exercício da) esperança

Este texto foi elaborado a partir do convite que, de novo, agradeço para apresentar este nº 27 da revista *Faces de Eva* e cuja leitura me levou a tecer / a buscar outras referências em autoras ou temas que a mesma me suscitou. Leitura destes textos que reforçaram, em mim, a atualidade das propostas de Maria de Lourdes Pintasilgo do ponto de vista de pensar a comunidade e nas questões por ela levantadas, em particular, neste texto sobre o que de modo lato se pode denominar a «questão das mulheres».

Este nº 27 da revista *Faces de Eva* atravessa de modo diverso as questões de política no passado (antes e pós democracia) e no presente da participação das mulheres na política no contexto português. Refiro-me em particular ao dossier *Estudos* que se inicia com o texto do Prof. Antónia Coutinho sobre as *Mulheres no pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo*.

Dossier que continua/ inclui uma abordagem do *Parlamento paritário* que teve lugar em 1994 e as suas representações na imprensa por Ana Cabrera. Questões que perpassam também na rubrica *Diálogos* sobre *As Mulheres e o Poder*, em cujo diálogo estão presentes duas das protagonistas desse acontecimento – parlamento paritário – as então eurodeputadas Maria Belo e Margarida Salema, e também Purificação Araújo, que foi uma das traves mestras do Planeamento Familiar (e da sua história no contexto da sociedade portuguesa) quando o mesmo levantava ainda reservas, ataques.

Questões políticas retomadas também na rubrica *Estado da Questão*, sobre a Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres, bem como na entrevista a Leonor Beza conduzida por Regina Tavares da Silva e Natividade Monteiro, entrevista essa que retrata um percurso pessoal desde, em particular, o início do seu trabalho na Comissão da Condição Feminina mas que, dadas as funções que Leonor Beza tem vindo a exercer, constitui também uma reflexão sobre *os avanços e os recuos* no contexto português e internacional da participação das mulheres na esfera política; são dela estas palavras sobre M^a de Lourdes Pintasilgo (p. 140): “quando MLP foi primeira ministra houve muito nervoso em todo o lado, e mais ainda quando concorreu à Presidência da República. Mas hoje ninguém acha estranho que uma mulher seja o que for”.

Afirmção que se pode ligar à referência que Margarida Salema faz à eleição de Assunção Esteves à Presidência da Assembleia da República (2011), neste caso, segundo ela, sendo visível a solidariedade feminina que contradiz normalmente, a sua falta entre mulheres, na política.

Linhas várias e contributos diversos do exercício do poder político e permito-me retomar a frase de Leonor Beza sobre M. de Lourdes Pintasilgo que nos remete para esta *casa* em que nos encontramos e que foi certamente lugar de disputa, de diferença, de diferendo, e também de sofrimento para ela. Num encontro internacional de mulheres em S. Francisco (Califórnia) em 1997, ela evocou com bom humor o seu exercício de Primeira Ministra na Assembleia da República. Diz ela : « perguntei : é o programa ? as ideias ? as medidas ? Um deles gritou : ‘é você !’ Um silêncio de morte cai na Câmara.

Fez-se o exorcismo. A palavra foi dita. Ficou claro que o simples facto de eu ser uma mulher era insuportável para eles » (Beltrão e Hatton, 2007:247) e “hoje já ninguém estranha que uma mulher seja o que for”; Será?

Gostava de referir que não me sinto particularmente dotada e capaz de falar sobre M. Lourdes Pintasilgo por razões de ordem diversa e em particular pela complexidade do seu percurso e pensamento. Personalidade que é tão bem descrita no poema *Retrato* que M^a Teresa Horta lhe traçou e que se encontra nesse mesmo número das Faces de Eva que aqui abordamos:

*Troca o espírito e a paz
pela coragem*

*Ela teima na esperança
e volta ainda*

*Retoma o fio de prumo
com que traça*

*A linha da vida
que assume.(2)*

Porque estar hoje aqui nesta *casa*, sede do poder político, é de certo modo, questionar o rosto ou os rostos que a política tem hoje? Questionar também o que é a política ou o que ela pode ser.

Se a geração a que pertencemos foi desatenta, omissa, talvez porque o *acontecimento do 25 de Abril* (no sentido deleuziano) foi de tal modo importante e único que nos esquecemos que não bastava uma sociedade democrática, com as suas instituições, nos esquecemos de continuar a insistir na política que é de todo/as e de cada um/a, que não é um direito de quem faz dela uma profissão – eliminando a experimentação que a mesma significa – mas um dever de reflectir sobre o ‘bem comum’, sobre o viver em conjunto numa polifonia de vozes. E por isso talvez seja também o espanto de não nos termos sabido lembrar que a política são essas tentativas, tantas vezes frustrantes, “de ser possível um outro mundo”, ideia tão cara de formas diversas no mundo cristão, na filosofia grega, nos pensadores e filósofos iluministas e tantos outros e outras que nos fizeram o que somos.

É essa “teima na esperança” da Maria de Lourdes Pintasilgo que me leva a esta afirmação de Ernst Bloch, no livro *O Princípio da Esperança*, “sem a hipótese de ser possível um outro mundo, não há política, apenas gestos administrativos dos homens e das coisas” e, justamente MLP, porque teimava, não era indiferente, era política nas hipóteses e na criação de possibilidades e de práticas outras, e de pensamento para que outros mundos acontecessem e aconteçam. Político/a é também aquele/a que é capaz de sentir o *perigo* ao longe, capaz de detectar os conflitos emergentes e futuros. Como diz Gloria Anzaldúa:

“Gostaria de chamar os perigos de “obstáculos”, mas isto seria uma mentira .Não

podemos *transcender* os perigos. Não podemos ultrapassá-los. Nós devemos atravessá-los e não esperar a repetição de performance” (p. 229).

Política era ela justamente na elaboração de outros mundos na íntima relação com o facto de ser *intelectual*, aquele/a que segundo bell hooks,

“ O intelectual não é apenas alguém que lida com ideias.Tenho muitos colegas que lidam com ideias a quem eu muito relutaria em chamar de intelectuais. Intelectual é alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas, porque ele ou ela vê a necessidade de o fazer. Segundo, intelectual é alguém que lida com ideias em sua vital relação com uma cultura política mais ampla”.(2)

E isso significa poder *ter recuo* para perceber o perigo; poder pensar sobre a situação à semelhança do *retiro* necessário para o pensamento. E só “ em tempos sombrios” a tarefa de pensar deixa de poder ter tempo para este *retiro* e “cola” à realidade, na forma de emergência que acontece e que obriga a formular respostas.

Lembro-me da M^a de Lourdes muitas vezes no meu quotidiano e ao ler as notícias e vendo as pessoas, interrogo-me muitas vezes: “o que pensaria a M^a de Lourdes desta crise actual? Globalizada, multifacetada?” Ao mesmo tempo que este momento em que vivemos dá, a cada dia, razão às suas ideias políticas, enquanto política e pensadora do bem comum, de comunidades, na forma integrada como pensava as questões e como essa abordagem holística – os *saberes transdisciplinares* (entrevista *Pública*) – permitiam, teriam permitido evitarmos algumas das consequências da ausência deste tipo de abordagem, porque a crise que vivemos que é *global*, vede as questões climáticas, do ambiente. Visão holística que é o *timbre* da sua política, como um fio, uma melodia que acompanhava a sua visão do mundo. Visão holística que a empurrava, a obrigava a não gostar dos *ismos*, talvez porque de uma forma ou de outra, isso a encerrava numa leitura do mundo menos plural, mesmo em relação ao feminismo, que ela aceitava também enquanto a inspiração dum sopro, dum espírito, nas palavras da filósofa Françoise Collin.

Assim, e pegando/ lendo o texto que a Prof. Antónia Coutinho escreveu sobre essa tema tão lato e tão difícil *Mulheres no pensamento de M^a de Lourdes Pintasilgo*, nessa obrigação por ela formulada:

“voltar aos textos, ainda, outra vez, muitas vezes, sobretudo agir a palavra”

o que nestas duas linhas se encarna é um programa imenso com os seus *perigos*, tanto a nível pessoal, como profissional e para a comunidade, esse ousar ser, dar a cara, agir a palavra ou tomada de palavra como fundamento da comunidade na concepção de politóloga Hannah Arendt tão cara a M. L. Pintasilgo.Tensão entre discursos que irá certamente acentuar a preocupação que ela tinha com as questões relacionadas com os *entre-saberes*, da complexidade e da necessidade de elaborar uma nova forma de fazer teoria que devesse ser buscada na interpenetração dos saberes e aí, historicamente, certamente seria interessante pensar, entre outros, nas multifuncionalidades que as mulheres desenvolveram ao longo de séculos e não no corte entre teoria e prática

(portanto são os conceitos de teoria e prática que aqui são deslocados e repensados). Ao contrário do que muitas vezes foi dito sobre ela, de forma pejorativa, existia nela uma tentativa de abrir a racionalidade dominante que hoje se encontra num processo de desagregação, mesmo se isso significa a elaboração de formas mais sofisticadas de dominação dos seres humanos, da Terra e de todos os que nela vivem. Buscar outras formas de racionalidade não significa pois cair na irracionalidade, nem certamente, do ponto de vista dela (mas disto eu não sei) em espiritualidades desincarnadas, mas antes criar instrumentos técnicos, conceptuais, processos cujo rigor se elabora numa outra articulação. Por isso, o seu discurso - assim considerado por vezes pejorativamente - não era utópico, antes tinha um *topos* que se ia elaborando, fazendo, refazendo, com essa componente técnica, científica, forte.

Este movimento de voltar aos textos proposto por Antónia Coutinho requer, neste contexto, a leitura de *Para um novo paradigma: um mundo assente no cuidado - Antologia de textos de Maria de Lourdes Pintasilgo* (2011) organizada pela autora deste texto, Fátima Grácio, Noémia Jorge, Paula Borges Santos e Regina Tavares da Silva. E voltar aos textos é também retomar o fio, é este *fundamento da comunidade* que ela pensa, que ela pratica, que ela quer construir, elaborar e, nele, qual o papel das mulheres? Qual o seu lugar e a sua ausência? Qual o seu contributo? Qual a sua igualdade e a sua diferença? Qual a sua identidade?

O texto de Antónia Coutinho retoma e refere os textos da Parte I desta Antologia, sobre *Mulheres / Igualdade / Democracia paritária* e reintroduz um debate que foi muito difuso ou quase inexistente entre nós sobre as questões da *igualdade* e da *diferença*, talvez porque o contexto da construção da democracia em Portugal fosse predominantemente marcado pelo dar visibilidade (e bem) às questões da igualdade, e que deu origem de certo modo a uma leitura menor, enviesada do que significa diferença.

Este fundamento da democracia e ausência nela das vozes de alguns/algumas, e que constituiu/ constitui um *défice democrático* que MLP formula deste modo:

“A exclusão da mulheres da esfera política constitui um elemento chave desta crise global. Torna-se necessário procurar novas dimensões da democracia, capazes de terem em conta a composição diversa da sociedade” (p. 4)

Défice democrático marcado por uma visão abstrata, desencarnada, neutra e assexuada dos seres que a integram, herdeira que é do pensamento iluminista e do contrato social que escamoteia um contrato sexual implícito segundo Carole Pateman (1988) e daí a necessidade de um novo contrato social, no qual haverá lugar para a *pessoa humana situada*. (p. 5). E cuja *situação / saberes*, saberes localizados (nas palavras de A. Rich), ou também, e num outro contexto, saberes transdisciplinares, porque fugindo a um quadro disciplinar fechado. Saberes situados (cf pg 10) / localizados que permitiriam a saída de uma identidade repetitiva (nas palavras de Antónia Coutinho) para uma identidade elaborada (nas palavras de MLP),

“a partir da infinita diversidade dos seres e das situações”, como condição de uma “igualdade dinâmica e criadora, fermento de sociedades mais justas” e é nesse contexto que ela pensa o que é / pode ser a *cultura das mulheres* enquanto fermento, semente

duma sociedade mais justa, democrática na escuta desses saberes situados (cit. p. 10), de situações de pessoas que lhe permite então pensar a comunidade na sua pluralidade. No texto *Igualdade e Identidade* de 1992 ela enumera “os traços emergentes da cultura das mulheres” que são os seguintes: multiplicidade de tarefas; complexidade e circularidade do rela / interconexões/ redes; pensamento não dicotómico. A partir deste mapa de conceitos/ noções em que se pode compreender a “ cultura das mulheres” ela formula a seguinte interrogação:

“de que especificidade se poderá ainda falar, depois de se ultrapassarem, nas nossas sociedades ocidentais todos os preconceitos de menoridade das mulheres?” (p. 7)

que se liga com a preocupação de MLP sobre a *transmissão* dessa *cultura das mulheres* (p. 8):

“esta cultura [das mulheres] como a de qualquer povo normalizado, corre o risco de se perder. Já que obrigadas a integrarem-se num mundo que não moldaram, as mulheres riscam de deixar calar nelas essa língua ‘materna’: Ora, o que diz esta língua?”

Como se nesta interrogação ecoassem em simultâneo as preocupações de Hannah Arendt e de Luce Irigaray entre a impossibilidade de transmissão (a herança quebrada) e de uma língua que não se pode dizer porque há um corte nesse *corpo a corpo com a mãe* (obra de Irigaray).

Para concluir (quase) e retomando a parte final do texto Antónia Coutinho cujo título “Cultura das mulheres: espiritualidade e ética do cuidado” me remete de novo para esse *princípio da esperança*, essa “teima da esperança” do poema de Maria Teresa Horta , “sem a hipótese de ser possível um outro mundo, não há política”. Creio que nela a política foi marcada sempre pela possibilidade de um outro mundo, aqui, na Terra e nos seres que a habitam e na vulnerabilidade de cada um, que ela formula deste modo na noção de cuidado,

“encontramos a ideia que nascemos já numa dependência mútua, de início como objecto de cuidado e, à medida que nos tornamos adultos, como seres de cuidado. O cuidado pelos outros, por nós próprios, pela natureza, é o que nos constitui enquanto seres humanos” (entrevista ao jornal *Público*, 26/1/1991).

Ser de vulnerabilidade (cf Antónia Coutinho, p. 13) e, por isso, é tão actual essa reflexão sobre a dependência entre os seres. É essa “hipótese de ser possível um outro mundo” que integra a atenção à vulnerabilidade que se repensa hoje na ruptura com o pensamento político do individualismo (*homo clausus*) para poder compreender relação e dependência entre os seres na sua abertura aos outros, como dizem em diálogo as filósofas Adriana Cavarero e Judith Butler: “[...] encontramos-nos expostos, em nossa vulnerabilidade e fragilidade, um frente ao outro. Por um lado tal vulnerabilidade implica realmente uma obrigação ética, uma atenção especial diante da precariedade da vida, uma responsabilidade [política] para encontrar as condições em que essa vida frágil possa

prosperar”.

E continuo a pensar que, apesar de tudo, as mulheres continuam a gerir no quotidiano em longas jornadas que implicam, em grande parte, olhar e cuidar da vulnerabilidade (conforme os indicadores mostram) para que essa “vida frágil possa prosperar” mesmo se, vivemos num contexto democrático, em que as mulheres passaram de uma quase invisibilidade a uma “visibilidade indiferente” (Rancière) e, por isso, há ocultação do ponto de vista político desse trabalho de cuidado da comunidade. Ocultação que se traduz, também, numa democracia amputada e não inclusiva.

Para concluir retomo as palavras iniciais do texto de Antónia Coutinho: “voltar aos textos ainda e outra vez muitas vezes, sobretudo agir a palavra” ou nesta afirmação de MLP que é/ pode ser todo um programa de vida: “As mulheres vivem desvios, aceitam os desvios e os riscos, para além das normas enquanto espaço, onde pode eclodir o inédito e o inesperado” é esse inédito que se busca em pensamento e prática que agora “em tempos sombrios” se espera como esperança.

BIBLIOGRAFIA:

Anzaldúa, Gloria (1981), « falando em línguas : uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo », in Revista estudos Feministas, nº 1/ 2000, pp 229 -236.

Assmann, Selvino J.. Condição humana contra "natureza": diálogo entre Adriana Cavarero e Judith Butler. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 15, n. 3, Dec. 2007, pp 647-662.

Beltrão, Luisa e Barry Hatton , (2007), *Uma história para o futuro – Maria de Lourdes Pintasilgo*, Tribuna da História.

Coutinho, Antónia, Fátima Grácio, Noémia Jorge, Paula Borges Santos e Regina Tavares da Silva, (2011) *Para um novo paradigma: um mundo assente no cuidado - Antologia de textos de Maria de Lourdes Pintasilgo*, Porto, Edições Afrontamento.

hooks, bell « Intelectuais negras », 464-477, in Revista estudos feministas, nº2/ 1995, pp 465- 478.

Irigaray, Luce ,(1981), *Corps à corps avec la mère*, Éditions de la pleine lune, Monreal

Pateman, Carole (1988), *The sexual contract*, Polity Press